



MAX LUCADO



DEUS
ESTÁ AQUI

A CHEGADA

O ruído e a agitação começaram mais cedo que de costume na cidade. Quando a madrugada começava a dar lugar à alvorada, já havia pessoas nas ruas. Os vendedores ambulantes aprontavam-se nas esquinas das avenidas mais frequentadas. Os lojistas abriam a porta de seus estabelecimentos. As crianças eram despertadas pelo latido inquieto dos cães de rua e pelos relinchos dos jumentos que puxavam carroças.

O proprietário da estalagem havia acordado mais cedo que a maioria da cidade. Afinal, a estalagem estava cheia, as camas todas ocupadas. Cada esteira e cobertor disponível estavam sendo usados. Logo todos os hóspedes despertariam, e havia muito trabalho a fazer.

É de se imaginar a conversa do estalajadeiro com sua família à mesa do café. Será que alguém mencionou a chegada do jovem casal na noite anterior? Alguém perguntou sobre o bem-estar deles? Alguém comentou sobre a moça grávida montada no jumento? Pode ser. Talvez alguém tenha levantado a questão. Mas, na melhor das hipóteses, o assunto passou batido. Não havia nada *tão* diferente neles. Eram, possivelmente, mais uma das várias famílias que passaram a noite na cidade.

Além disso, quem tinha tempo para conversar, com tanta agitação no ar? O imperador Augusto fez um favor à economia de Belém quando decretou o censo obrigatório.

Quem se lembrava de uma ocasião em que houvesse tantas vendas na cidade?

Não, é de duvidar que alguém tenha mencionado a chegada do casal ou mesmo prestado atenção à condição da moça. Estavam todos ocupados demais. A luz da manhã já reluzia. O pão precisava ser preparado. Os afazeres matinais tinham de ser realizados. Havia muito a fazer para ficar imaginando que o impossível tinha ocorrido.

Deus havia entrado no mundo na forma de um bebê.

Contudo, estivesse alguém passando ao acaso pelo estábulo de ovelhas nos arredores de Belém naquela manhã, que cena peculiar teria contemplado.

O mau cheiro do estábulo é o mesmo de todos os estábulos. O fedor agudo de urina, esterco e ovelhas paira no ar. O chão é duro, o feno escasso. Teias de aranha pendem do teto, e um rato corre pela terra.

Não poderia existir um local de nascimento mais modesto.

De um lado, um grupo de pastores. Estão sentados em silêncio no chão; talvez perplexos, talvez espantados, sem dúvida maravilhados. Uma explosão de luz do céu e uma sinfonia de anjos haviam interrompido sua vigília noturna. Deus aparece àqueles que dispõem de tempo para ouvi-lo — por isso, naquela noite sem nuvens, ele apareceu a simples pastores.

Perto da jovem mãe encontra-se o pai cansado. Se existe alguém com sono, é ele. Não consegue se lembrar da última vez em que pôde se sentar. E agora que a agitação diminuiu um pouco, agora que Maria e o bebê estão confortáveis, ele se apoia na parede do estábulo e sente os olhos pesando. Ainda não entendeu tudo. O mistério do ocorrido o deixa intrigado. Mas ele não tem energia para debater as perguntas. O importante é que o bebê está bem, e Maria, a salvo. Quando o sono

vem, ele se lembra do nome que o anjo lhe dissera para dar... Jesus. “Vamos chamá-lo de Jesus”.

Maria está plenamente desperta. Incrível como ela é jovem! Sua cabeça repousa no couro macio da sela de José. A dor foi eclipsada pelo deslumbre. Olha para o rosto do bebê. Seu filho. Seu Senhor. Sua Majestade. Nesse momento da história, o ser humano que melhor entende quem Deus é e o que ele está fazendo trata-se de uma adolescente num estábulo mal cheiroso. Ela não consegue tirar os olhos dele. De algum modo, Maria sabe que está segurando Deus nos braços. É quem ele é. Ela se lembra das palavras do anjo: “Seu Reino jamais terá fim” (Lc 1.33).

Ele parece tudo, menos um rei. Seu rosto está vermelho, e seu choro, apesar de forte e saudável, ainda é o choro desamparado e agudo de um bebê. E ele é absolutamente dependente dos cuidados dela.

A majestade no meio do mundano. A santidade junto à imundície do esterco e suor das ovelhas. A divindade adentrando o mundo no chão de um estábulo, através do ventre de uma adolescente e na presença de um carpinteiro.

Ela toca a face do Deus-bebê. *Como foi longa a sua viagem!*

Esse bebê contemplara o universo. Os trapos que o mantêm aquecido eram os mantos da eternidade. Sua sala do trono revestida de ouro fora abandonada em favor de um estábulo sujo. E os anjos adoradores foram substituídos por gentis, mas perplexos, pastores.

Enquanto isso, a cidade fervilha. Os mercadores não fazem ideia de que Deus visitava seu planeta. O estalajadeiro jamais acreditaria que havia deixado Deus passar frio. E as pessoas zombariam de alguém que lhes dissesse que o Messias repousava nos braços de uma adolescente nos arredores de sua cidade. Estavam todos ocupados demais para considerar a possibilidade.

Os que perderam a chegada de sua majestade naquela noite não a perderam apenas por causa de ações más ou malícia; não, perderam-na porque simplesmente não estavam olhando. Pouca coisa mudou nos últimos dois mil anos, concorda?

“SÓ UM MOMENTO...”

Tudo se deu num momento, o momento mais marcante.

Enquanto se desenrolava, aquele momento não parecia diferente de nenhum outro. Se fosse possível pinçá-lo na linha de tempo e examiná-lo, teria a mesma aparência de todos os momentos que se passaram enquanto você lia estas palavras. Veio e se foi. Outros o precederam e sucederam, assim como este. Foi mais um dos incontáveis momentos que marcaram o tempo desde que a eternidade se tornou mensurável.

Mas, na realidade, aquele momento não se compara a nenhum outro. Pois nesse segmento de tempo uma coisa espetacular aconteceu. Deus se fez homem. Enquanto as criaturas da terra seguiam a vida, sem perceber, a divindade chegou. O próprio céu se abriu e colocou seu mais precioso ente em um ventre humano.

O onipotente, num instante, se fez frágil. Ele, que havia sido espírito, tornou-se traspassável. Ele, que era maior que o universo, tornou-se embrião. E ele, que sustenta o mundo com uma palavra, escolheu depender de uma jovem para alimentá-lo.

Deus como um feto. A santidade dormindo em um útero. O criador da vida sendo gerado.

Deus ganhou sobranceiras, cotovelos, dois rins e um baço. Ele esticava os membros em formação e flutuava no líquido amniótico da mãe.

Deus havia se aproximado.

Ele veio — não como um raio de luz ou como um conquistador inacessível — mas como alguém cujos primeiros choros foram ouvidos por uma camponesa e um carpinteiro sonolento. As mãos que o seguraram pela primeira vez eram descuidadas, calejadas e sujas.

Nenhuma seda. Nenhum marfim. Nenhuma publicidade. Nenhuma festa. Nenhum estardalhaço.

Não fosse pelos pastores, não haveria recepção nenhuma. E não fosse um grupo de contempladores de estrelas, não haveria presente nenhum.

Anjos assistiam a Maria trocar as fraldas de Deus. O universo observava admirado o Todo-poderoso aprendendo a andar. As crianças brincavam na rua com ele. Ah, se o líder da sinagoga em Nazaré soubesse quem estava ouvindo seus sermões...

Jesus possivelmente teve espinhas. Talvez não tivesse talento para música. Uma garota da rua podia ter uma quedinha por ele, ou vice-versa. Pode ser que seus joelhos fossem ossudos. Uma coisa é certa: ele era, embora completamente divino, completamente humano.

Durante 33 anos ele sentiria todas as coisas que você e eu sentimos. Sentia-se fraco. Ficava cansado. Tinha medo de falhar. Era suscetível a recrutar mulheres. Resfriava-se, arrotava e tinha odor corporal. Seus pés se cansavam, e sua cabeça doía.

Pensar em Jesus sob essa ótica é... Bem, parece quase irreverente, não? É muito mais fácil manter a humanidade longe da encarnação. Limpe o estrume em torno do estábulo. Enxugue o suor dos olhos. Finja que ele nunca roncou, assoou o nariz nem acertou o dedo com o martelo.

É mais fácil digeri-lo assim. Existe algo em mantê-lo divino que o conserva distante, acondicionado, previsível.

Mas não faça isso. Pelo amor de Deus, não. Deixe-o ser tão humano quanto ele pretendia ser. Deixe-o entrar na lama e sujeira de nosso mundo. Pois somente se o deixarmos entrar é que nós poderemos sair.

Ouçã o que ele diz.

“Ame o seu próximo” foi dito por um homem cujos próximos tentavam matá-lo (Mc 12.31).

O desafio de deixar a família para anunciar o evangelho foi pronunciado por aquele que deu o beijo de despedida em sua mãe na porta de casa (Mc 10.29).

“Amem os seus inimigos” saiu da boca que em breve estaria suplicando a Deus o perdão de seus assassinos (Mt 5.44).

“Eu estarei sempre com vocês” são as palavras de um Deus que, num instante, fez o impossível para que tudo fosse possível a você e a mim (Mt 28.20).

Tudo se deu num momento. Num momento... o mais marcante. A Palavra se fez carne.

Haverá outro. O mundo verá outra transformação instantânea. Veja, quando se tornou homem, Deus possibilitou que o homem visse Deus. Quando Jesus foi para casa, ele deixou a porta aberta. Como resultado, “todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos” (1Co 15.51-52).

O primeiro momento da transformação passou despercebido pelo mundo. Mas pode apostar que o segundo não passará. Da próxima vez que usar a frase “Só um momento...”, lembre-se de que não será preciso mais que isso para mudar o mundo.

O ABSURDO EM CARNE E OSSO

— Você está me dizendo que Deus se tornou um bebê...

O sujeito fazendo as perguntas estava desconfiado. Arqueava as sobrancelhas grossas, duvidoso, e cerrava os olhos, cauteloso. Embora houvesse lugar para sentar-se, optou por ficar em pé. Preferia assim, a salvo detrás da multidão, incerto, porém intrigado pelo que estava ouvindo. No decorrer da palestra, ouvira atentamente, descruzando os braços vez ou outra para coçar a barba. Agora, contudo, está em pé, golpeando o ar com o dedo enquanto faz suas interpelações.

— ... e que ele nasceu num estábulo de ovelhas?

Parecia que tinha descido das montanhas daquela região do Colorado: gorro na cabeça, colete, calças de náilon, botas de caminhada. E soava como alguém que honestamente não sabia se a história que estava ouvindo era uma lenda das montanhas ou a verdade do evangelho.

— Sim, é isso que estou dizendo — respondeu o palestrante.

— E então, depois de se tornar um bebê, ele foi criado numa casa de gente comum? Nunca escreveu livros nem tinha cargos, mas chamou a si mesmo de Filho de Deus?

— Isso mesmo.

O palestrante questionado era Landon Saunders, a voz do programa radiofônico *Heartbeat*. Nunca ouvi alguém contar a história do Nazareno como Landon.

— Ele nunca viajou para o exterior, nunca estudou numa universidade, nunca viveu num palácio, e ainda assim se considerava o criador do universo?

— Correto.

Fiquei um pouco irritado com o diálogo. Havia acabado de me formar, entusiasmo puro, cheio de dedicação. Como auxiliar voluntário na série de palestras, cheguei ali com versículos memorizados e respostas carregadas na ponta do meu revólver evangelístico. Contudo, vim preparado para defender um estilo de vida, não um Salvador. Estava pronto para discutir moralidade, doutrina, céu e inferno. Não estava pronto para discutir um homem. Jesus sempre havia sido alguém que aceitei e pronto. Essas perguntas eram agressivas demais para minha fé virginal.

— E essa história de crucificação... ele foi traído por seu próprio povo? Nenhum dos seguidores apareceu para defendê-lo? E depois ele foi executado como um ladrão qualquer?

— Exatamente isso.

A autenticidade do questionador não permitia que o considerássemos um cínico nem que o descartássemos como alguém querendo se exhibir. Pelo contrário, ele parecia nervoso por chamar tanta atenção. Sua falta de jeito denunciava sua inexperiência nessa coisa de falar em público. Mas seu desejo de saber era um grama ou dois mais pesado que seu desconforto, de modo que prosseguiu.

— E depois da morte ele foi enterrado num túmulo emprestado?

— Sim, ele não tinha um túmulo que lhe pertencesse, nem dinheiro para comprar um.

A honestidade do diálogo mantinha a plateia enfeitada. Percebi que estava presenciando uma daquelas raras ocasiões em que duas pessoas estão dispostas a questionar o sagrado.

Ali estavam dois homens nos lados opostos de um abismo profundo, um perguntando ao outro se a ponte estendida diante deles podia ser realmente confiável.

Havia um traço de emoção na voz do estudante quando ele formulou com cautela a pergunta seguinte:

— E, de acordo com o que está escrito, após três dias na tumba ele ressuscitou e apareceu a mais de quinhentas pessoas?

— Sim.

— É tudo isso para provar que Deus ainda ama seu povo e oferece um caminho para que retornemos a ele?

— Exato.

Eu sabia qual pergunta viria na sequência. Todos na sala sabiam. Não precisava sequer ser perguntada. No fundo do meu coração, eu estava esperando que não fosse.

— Isso não soa completamente... — ele se deteve por um segundo, em busca do adjetivo correto. — Isso não soa completamente absurdo?

Todas as cabeças se voltaram em perfeita sincronia na direção de Landon. Todas as cabeças, isto é, com exceção da minha. Minha cabeça estava girando quando fui forçado a olhar para Jesus de um novo ângulo. O cristianismo... absurdo? Jesus numa cruz... absurdo? A encarnação... absurda? A ressurreição... absurda? Meu Jesus da escola dominical havia sido derrubado do flanelógrafo.

A resposta de Landon foi simples:

— Sim. Sim, imagino que parece absurdo, não é?

Não gostei dessa resposta. Não gostei nem um pouco. Diga ao sujeito como tudo faz sentido! Monte o diagrama das dispensações. Apresente as profecias que se cumpriram. Explique o cumprimento da lei do Antigo Testamento. A aliança. A reconciliação. A redenção. É claro que faz sentido. Não o deixe descrever as ações de Deus como absurdas!

Então comecei a entender: *o que Deus fez faz sentido*. Faz sentido que Jesus fosse nosso sacrifício, porque isso era necessário para justificar a presença do homem perante Deus. Faz sentido que Deus usasse a lei do Antigo Testamento para orientar Israel em sua necessidade da graça. Faz sentido que Jesus fosse nosso Sumo Sacerdote. *O que Deus fez faz sentido*. Pode ser ensinado, ilustrado e inserido em livros de teologia sistemática.

Contudo, *por que Deus fez é algo completamente absurdo*. Quando deixamos o método de lado e examinamos o motivo, os blocos de lógica cuidadosamente empilhados começam a tombar. Esse tipo de amor não é lógico; não pode ser delineado de forma ordenada num sermão nem explicado numa monografia.

Pense nisto. Durante milhares de anos, usando sua esper-teza e charme, o homem tentou ser amigo de Deus. E du-rante milhares de anos ele mais desapontou a Deus do que o alegrou. Fez exatamente aquilo que prometeu nunca fazer. Um fiasco. Mesmo os mais santos dos heróis por vezes se esqueciam de que lado estavam. Alguns dos relatos da Bíblia se parecem mais com as aventuras de Simbad, o Marujo, que com histórias da escola bíblica de férias. Lembra-se destes personagens?

Arão. O braço direito de Moisés. Testemunha das pragas. Membro da “Expedição do Mar Vermelho”. Sacerdote santo de Deus. Mas se era tão santo, o que está fazendo ali, junto à fogueira, liderando os israelitas num culto ao bezerro de ouro?

Os filhos de Jacó. Os patriarcas das tribos de Israel. Os bis-netos de Abraão. Contudo, se são tão especiais, por que estão amordaçando seu irmão mais novo e o mandando para o Egito?

Davi. O homem segundo o coração de Deus. O rei dos reis. O grande guerreiro e compositor. Ele é também o cara

cujos óculos ficaram embaçados por conta de um banho no telhado. Infelizmente, a água não lhe pertencia, nem a mulher a quem estava observando.

E Sansão. Desmaiado no sofá de Dalila, embriagado com vinho, perfume e luzes suaves. Ele está pensando: “Ela vai vestir algo mais confortável”. Ela está pensando: “Tenho certeza de que coloquei aquelas tesouras em algum lugar”.

Adão adornado com folhas de figueira e manchas do fruto proibido. Moisés batendo a vara e tendo um acesso de raiva. O rei Saul olhando para uma bola de cristal a fim de conhecer a vontade de Deus. Noé, bêbado e nu em sua própria tenda.

Estes são os escolhidos de Deus? Esta é a linhagem real do Rei? Estes são aqueles que deveriam executar a missão divina?

É fácil ver o absurdo.

Por que ele não desistiu? Por que não deixou o globo sair dos eixos?

Mesmo após gerações de seu povo lhe terem cuspidos no rosto, ele ainda os amava. Após uma nação de escolhidos lhe ter tirado a roupa e perfurado o corpo encarnado, ele ainda morreu por eles. E mesmo hoje, após bilhões terem escolhido prostituir-se diante dos cafetões do poder, da fama e da riqueza, ele ainda os espera.

É inexplicável. Não tem um pingão de lógica nem um traço de racionalidade.

No entanto, é essa própria irracionalidade que concede ao evangelho sua maior defesa. Pois somente Deus poderia amar assim.

Não sei o que aconteceu àquele camarada questionador no Colorado. Desapareceu tão depressa quanto apareceu. Mas estou em dívida para com ele. Ele me forçou a ver Jesus como eu nunca o havia visto.

À primeira vista eu não o reconheci. Acho que estava esperando alguém numa túnica reluzente com mãos brancas como

seda. Mas era ele. O leão. O Leão de Judá. Ele saiu do meio das árvores densas da teologia e dos rituais e deitou-se numa pequena clareira. Em sua pata havia uma ferida, e em sua juba manchas de sangue. Mas havia nele tal realeza que silenciava até mesmo a brisa nas árvores.

Realeza manchada de sangue. Um Deus que chora. Um criador com coração. Deus se tornou chacota na terra para salvar seus filhos.

Que absurdo pensar que tamanha nobreza chegaria a tamanha pobreza para partilhar tamanho tesouro com almas tão ingratas.

Contudo, ele o fez.

De fato, a única coisa mais absurda que essa dádiva é nossa teimosa má vontade de recebê-la.

A ORAÇÃO DE MARIA

Deus. Ó Deus-infante. Preciosíssima criança celestial. Concebido pela união da graça divina com a nossa desgraça. Dorme bem.

Dorme bem. Deleita-te no frescor desta noite reluzente de diamantes. Dorme bem, pois o calor da fúria ferve a teu redor. Desfruta do silêncio do berço, pois no futuro ressoará o ruído da confusão. Saboreia a doce segurança de meus braços, pois logo chegará o dia em que eu não poderei proteger-te.

Descansem bem, mãos pequeninas. Pois, embora pertençam a um rei, não tocarão o cetim, e o ouro não possuirão. Não pegarão a pena, não guiarão o pincel. Não, suas mãos frágeis estão reservadas para obras mais preciosas:

- Tocar a ferida aberta do leproso,
- Enxugar a lágrima da viúva exausta,
- Arranhar o chão do Getsêmani.

Suas mãos, tão pequenas, tão ternas, tão brancas — ligadas esta noite a um punho de bebê. Não estão destinadas a segurar um cetro nem acenar de cima da sacada de um palácio. Estão reservadas, sim, para o cravo romano que as pregará a uma cruz romana.

Durmam profundamente, olhos pequeninos. Durmam enquanto podem. Pois logo chegará a claridade e vocês verão a bagunça que fizemos de seu mundo. Verão:

- Nossa nudez, pois não podemos esconder-nos.
- Nosso egoísmo, pois não podemos doar.
- Nossa dor, pois não podemos curar.

Ó olhos que verão o abismo sombrio do inferno e testemunharão seu horrendo príncipe... Durmam, por favor, durmam; durmam enquanto podem.

Descanse, boca pequenina. Descanse, boca pela qual a eternidade falará.

Língua pequenina.

- Que em breve invocará os mortos,
- Que definirá a graça,
- Que silenciará nossa insensatez.

Lábios róseos — sobre os quais paira um beijo estelar de perdão para aqueles que crerem em ti, e de morte para aqueles que te negarem — sosseguem.

Pés pequeninos que cabem na palma de minha mão, descansem. Pois muitos passos difíceis esperam por vocês.

- Sentem o cheiro da poeira das estradas pelas quais viajarão?
- Sentem a água fria do mar sobre a qual andarão?
- Remexem-se ante à invasão dos cravos que suportarão?
- Temem a descida íngreme pela escada em espiral até o domínio de Satanás?

Descansem, pés pequeninos. Descansem hoje para que amanhã possam caminhar poderosamente. Descansem. Pois milhões seguirão seus passos.

E você, pequeno coração... santo... bombeando o sangue da vida através do universo: quantas vezes iremos parti-lo?

- Será dilacerado pelos espinhos de nossas acusações.
- Será assolado pelo câncer de nosso pecado.
- Será esmagado pelo peso de sua própria tristeza.
- E será perfurado pela lança de nossa rejeição.

Contudo, quando te perfurarem, quando teus músculos e membranas se romperem, quando jorrarem sangue e água, tu encontrarás descanso. Tuas mãos serão libertas, teus olhos verão a justiça, teus lábios sorrirão, e teus pés o levarão para casa.

E ali, tu descansarás novamente — desta vez, nos braços de teu Pai.

Que momento sublime foi aquele em que o próprio Deus se fez carne na pessoa de Jesus de Nazaré! O Criador tornou-se visível e pôde ser ouvido e tocado. Deus entrou em nosso mundo, e, por essa razão, somos capazes de entrar no mundo dele.

O cristianismo, em sua forma mais pura, nada mais é que ver Jesus. E o serviço cristão nada mais é que imitá-lo. Ver sua majestade e fazer o que ele fez: essa é a essência da nossa fé.

O escritor e pastor Max Lucado discorre nesta obra fascinante sobre a importância da encarnação de Cristo. Um fenômeno extraordinário, que nos permitiu ser como ele foi, agir como ele agiu, falar como ele falou, ouvir como ele ouviu e amar como ele amou.

E prepare-se, pois os que o veem hoje nunca mais serão os mesmos!

MC
mundocristão

ISBN 978-85-7325-863-9



9 788573 258639

Inspiração